

## A INTERAÇÃO DO INDIVÍDUO SURDO COM SEUS PARES NO APRENDIZADO DA LIBRAS: ESTUDO DE CASO

Agnaldo Gondim de Freitas <sup>1</sup>  
Francisco de Acací Viana Neto <sup>2</sup>

### RESUMO

A comunicação parece ser um direito natural de todo ser humano, mas não para as pessoas surdas, que têm essa como uma das suas principais dificuldades. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), nesse contexto, surgiu para facilitar essa falta de comunicação, mas não contavam seus idealizadores com outros problemas enfrentados, como por exemplo, a ausência de pessoas falantes de Libras, principalmente nas pequenas cidades do interior do país, o que dificulta muito seu aprendizado, por isso, o objetivo deste artigo se propõe a estudar o caso de um jovem surdo no interior do Rio Grande do Norte, que aprendeu a Libras com a ajuda de pessoas de fora de sua cidade. A interação desse jovem com outros surdos falantes de Libras foi o diferencial no seu desenvolvimento pessoal no aprendizado da sua língua natural. Sendo assim, para a elaboração desse artigo, utilizamos uma abordagem de estudo de caso, com a utilização de um método investigativo para que seja possível a construção de explicações objetivas para os problemas relacionados, assim, buscando compreender como se deu o desenvolvimento da língua na trajetória pessoal desse morador surdo do interior do Rio Grande do Norte, quais seus maiores desafios, suas conquistas e como se deu o seu desenvolvimento pessoal.

**Palavras-chave:** Estudo de caso; Interação; Desenvolvimento pessoal; Comunicação.

### INTRODUÇÃO

Começando nossa trajetória na França, onde a língua de sinais fora criada, indo até a Itália, onde aconteceu a trágica Primeira Conferência Internacional de Educadores de Surdos, mais conhecida por Congresso de Milão, onde neste Congresso ficara determinado mundialmente que as línguas de sinais não poderiam ser mais usadas, chegando até nosso destino os dias atuais, e a investigação do sujeito surdo, aqui denominado de Eduardo<sup>3</sup>, onde por meio de estudo de caso buscamos compreender como se deu a aquisição da Língua Brasileira de Sinais – Libras e como a interação desse sujeito com seus pares contribuiu e continua contribuindo para este aprendizado. Neste processo descobrimos que a tecnologia,

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras/Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail [agnaldo.freitas@alunos.ufersa.edu.br](mailto:agnaldo.freitas@alunos.ufersa.edu.br);

<sup>2</sup> Docente do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: [acaci@ufersa.edu.br](mailto:acaci@ufersa.edu.br).

<sup>3</sup> Nome fictício.

principalmente o uso das redes sociais, também ajudou e vem ajudando o sujeito surdo aqui investigado a aprimorar suas relações com outros sujeitos surdos e aprimorar também a aquisição e aprendizado da Libras.

Dessa forma, nos propomos aqui, para uma melhor construção nesse processo investigativo, a elaboração de tópicos que nos ajudarão a compreendermos melhor este processo e para tal, além da construção de um breve histórico sobre o assunto, este artigo ainda mostrará como o processo tardio de aquisição da língua de sinais prejudica o indivíduo surdo que está aprendendo sua língua natural; ainda veremos como bebês ouvintes e surdos têm nos seus primeiros anos de vida simetria no aprendizado natural das diferentes línguas (o português para os ouvintes e a Libras para os surdos); a realidade dos surdos nas pequenas cidades do interior do Brasil especialmente em Campo Grande/RN e por último compreenderemos a realidade desta cidade localizada no interior do Nordeste brasileiro até chegarmos aos resultados da pesquisa com o sujeito Eduardo.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa, por se tratar de um Estudo de caso, apoiada teoricamente em Gil (2008), consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Dessa maneira, trazemos o estudo de caso de um sujeito surdo Eduardo que reside na cidade de Campo Grande/RN, foi realizada com alvo desta investigação, onde foram coletados seus relatos sobre sua vida e experiências como pessoa surda, desde seu nascimento até os dias atuais. Essa coleta de dados se deu através de entrevista escrita e sinalizada, onde foi de forma qualitativa registrada em vídeo e analisada para os resultados finais aqui descritos.

### **1. BREVE HISTÓRICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.**

De acordo com vários pesquisadores, a língua de sinais tem origem na França no século XVIII, onde em meados deste século, um clérigo de nome Charles Michel de l'Épée criou um método de ensino para pessoas surdas e um alfabeto manual, que deu o nome de Língua de Sinais Francesa. Este mesmo clérigo foi responsável pela criação e fundação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris, a primeira escola de surdos do mundo.

Para melhor esclarecimento, ao contrário do que muitos acreditam, não há uma língua de sinais universal, há cerca de 144 línguas de sinais no mundo e dentro dessa variedade há

ainda a “variação linguística” que está presente nas línguas orais assim como nas línguas de sinais. Países falantes da língua portuguesa têm diferentes línguas de sinais, no Brasil se usa a Libras, em Portugal se usa a Língua Gestual Portuguesa (LGP), em Moçambique a Língua Moçambicana de Sinais (LMS), em Angola a Língua Angolana de Sinais (LAS). No Brasil, além da Libras ainda existe a Língua de Sinais Kaapor Brasileira. Além disso, em uma mesma língua de sinais, há variações regionais ou sotaques, como também acontece nas línguas faladas. Essas variações têm relação com características culturais, geográficas, históricas ou mesmo didáticas, de acordo com os métodos adotados em cada instituição de ensino.

### 1.1 A PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCADORES DE SURDOS

Na sequência historiográfica da língua de sinais, se faz necessário para compreendermos seu processo de surgimento e desenvolvimento, falarmos de um momento muito negativo nessa trajetória, que marcou de forma impositiva todo esse processo, trata-se do dia em que a aquisição da língua de sinais é totalmente proibida aos surdos do mundo todo pelos ouvintes reunidos no Congresso de Milão (Itália) que determinou a “oralização” como regra para a educação e formação da pessoa com surdez. Esta conferência, apesar do nome “Congresso de Milão”, pois se tratava da Primeira Conferência Internacional de Educadores de Surdos, onde mais de 160 educadores e especialistas reuniram-se entre os dias 6 e 11 de setembro de 1880 para discutirem os rumos da educação das pessoas surdas, aconteceu na contramão do avanço registrado na França. As autoras Silva e Silva (2019, p. 207), relatam que a escolha do método oral neste Congresso se deu por influência de Alexander Graham Bell:

No ano de 1880, em Milão na Itália, aconteceu o Congresso Internacional de Educadores de Surdos e, nesse evento, o senhor Alexander Graham Bell, que inventou o telefone buscando uma forma de ampliar os sons, defendeu que o ensino dos surdos deve ocorrer exclusivamente pelo método oral. (SILVA; SILVA, 2019, p.207)

Por causa desse tipo de influência e prestígio é que a real situação do cenário se formou a partir de então, culminando em 100 anos marcados pelo banimento da língua de sinais dos ambientes educacionais de todo o mundo, inclusive nas Américas, já que tudo que se decidia no Velho Continente era massivamente respeitado, obedecido e copiado pelo resto do mundo.

Contudo, os impactos do Congresso de Milão foram terríveis e desastrosos para a comunidade surda em todo o mundo. Estima-se que já na primeira década após o Congresso de

Milão o ensino das línguas de sinais já estava quase completamente erradicado das escolas, consequência disso é que crianças surdas em todas as partes do globo abandonaram as escolas com qualificações e comunicação inferiores aos dos outros alunos ouvintes.

Só após 100 anos que o processo de rejeição das resoluções do Congresso de Milão e a reestruturação da educação das pessoas surdas, começa de fato a ganhar corpo e força, dessa forma, em julho de 2010, no 21º Congresso Internacional de Educação de Surdos, em Vancouver no Canadá, é que através de votação formal, todas as oito resoluções do Congresso de Milão foram rejeitadas, um ganho histórico e um marco importante para a reorganização na forma de socializar e educar as pessoas surdas.

## 1.2 O SURGIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Remetendo-nos agora a Língua Brasileira de Sinais ou simplesmente Libras, segundo Strobel (2009), esta surgiu da Língua Francesa de Sinais (LSF), devido sua história ter início com o professor surdo Eduard Huet que era de família nobre, nascido em Paris no ano de 1822. Poliglota, aos 12 anos de idade, Huet contraiu sarampo o que lhe tirou a audição. Mesmo depois de surdo aprendeu espanhol e começou a estudar no Instituto Nacional de Surdos de Paris. Formado em Pedagogia assumiu o cargo de diretor do Instituto de Surdos de Bourges e por conta do seu excelente trabalho como educador ganhou prestígio e fama o que culminou no convite do Imperador Dom Pedro II ao Conde Huet para este juntamente com sua esposa alemã, Catalina Brodeke, se mudassem para o Brasil a fim de fundarem o Imperial Instituto de Surdos Mudos (atual INES) na cidade do Rio de Janeiro capital do Reino Unido a Portugal e Algarves no ano de 1855.

Percebemos até aqui que a Libras fora criada antes do famoso Congresso de Milão que proibiu o uso das línguas de sinais no mundo e conseqüentemente no Brasil, mas também as pesquisas nunca pararam e/ou ainda que as proibições fossem muitas, as línguas de sinais continuaram a ser utilizadas informalmente, sobretudo em grupos fechados e nas residências.

## 2. A AQUISIÇÃO TARDIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Como vimos, no decorrer da história a discriminação com as pessoas surdas é fato notório, principalmente, devido a sua condição existencial como pessoa que depende, principalmente, do campo visual para se comunicar e existir. Ao longo da história a condição humana das pessoas surdas foi diversas vezes questionada, às vezes abandonadas à própria

sorte. As pessoas excluídas experimentaram o abandono social. Imerso em uma cultura ouvintista e curativa, foram submetidas aos mais diversos meios clínicos e técnicas como a insistência no uso dos aparelhos auditivos e a oralização. Atualmente as pessoas surdas transitam entre o discurso de saberes clínicos e estudos culturais. Na sua grande maioria essas pessoas vivem em estruturas familiares ouvintes e falantes da Língua Portuguesa falada no Brasil e suas formações educacionais estão inseridas dentro da cultura oral que obedecem aos parâmetros da política educacional brasileira dentro das escolas regulares, escolas essas, onde o ensino predominante é o da língua portuguesa falada e não sinalizada o que torna impossível na maioria das vezes o aprendizado. Submetidas nesse contexto ao qual apresentamos acima, é perceptível as muitas dificuldades no aprendizado da Libras.

## 2.1 SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PARA OUVINTES E SURDOS

O primeiro contato de boa parte das pessoas surdas com a língua espaço-visual se deu após a primeira infância, o que as prejudicou e muito na aquisição da linguagem, que deve ser feita logo nos primeiros anos de vida, onde ali se dá a formação sensório-motora e cognitiva. Portanto o convívio cotidiano com uma cultura ouvinte, dentro de um sistema criado e mantido para atender as pessoas que não tem deficiência, gera como consequência a falta de fluência na Libras.

Para melhor compreensão desse processo, precisamos entender que a aquisição da linguagem em crianças surdas é semelhante ao processo de aquisição das línguas faladas, ambos se submetem aos mesmos estágios e princípios, o que os diferencia é o tempo em que muitas vezes essas crianças aprendem sua língua natural, dessa forma o estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal são fundamentais para o estabelecimento de relação no espaço. Podemos classificar os estágios em basicamente quatro etapas: Período pré-linguístico<sup>4</sup>, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágios das múltiplas combinações.

Tendo em vista, as quatro etapas acima mencionadas, e deixando claro que aqui não iremos nos aprofundar da discussão das mesmas, mas apenas como exemplo e para entendermos melhor o processo em comum entre surdos e ouvintes na aquisição da linguagem, traremos uma breve explicação sobre a primeira etapa – período pré-linguístico – onde nesse período, os bebês

---

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.academiadoaprender.com.br/blog/a-aquisicao-da-linguagem-em-criancas-surdas/>

ouvintes e o bebês surdos têm em comum o balbucio, sendo que nos bebês surdos estes se apresentam de duas formas manuais: o balbucio silábico e a gesticulação. As crianças surdas balbuciam oralmente até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, dessa forma, sustentando que todo ser humano nasce com a capacidade linguística de desenvolver a língua oral-auditiva ou a espaço-visual.

### **3. A REALIDADE DOS SURDOS NAS PEQUENAS CIDADES DO INTERIOR DO BRASIL ESPECIALMENTE EM CAMPO GRANDE/RN**

Diante de todo esse processo histórico sofrido pelas línguas de sinais no mundo, principalmente, nos países desenvolvidos da época e nos grandes centros do planeta, automaticamente, fazemos uma relação negativa e assertiva de como se deu o desenvolvimento das línguas de sinais nos rincões e interiores países a fora, o que não foi diferente no Brasil que, na época, era de longe um país desenvolvido e que sempre imitava os grandes centros urbanos internacionais, principalmente o europeu. Desta feita, com os atrasos causados pelo Congresso de Milão, no Brasil, a Libras também sofreu seus terríveis impactos. Não, diferentemente, da realidade de outras nações ou até pior em alguns aspectos, no Brasil também a comunidade surda foi privada do uso e aprendizado de sua língua natural, o que ocasionou um atraso sem precedentes no desenvolvimento, cognitivo, social e intelectual das pessoas surdas.

Se nos grandes centros e capitais, os surdos foram privados da comunicação, imagine-se nos interiores, principalmente, de regiões pobres e de pouco acesso à informação como veremos a seguir.

#### **3.1 A REALIDADE DOS SURDOS NOS INTERIORES BRASILEIROS E EM CAMPO GRANDE/RN**

É evidente a falta de pesquisas que analisem a carência da língua de sinais nacional, no caso do Brasil, a Libras, nas regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, como comunidades rurais, comunidades isoladas ou pequenas cidades. O que se observa nas pequenas cidades e rincões do Brasil em relação às pessoas com surdez, é que a maioria não domina Libras, se comunicam por gestos e tentativas de oralização; as pequenas cidades não dispõem de centros especializados para atender as pessoas surdas, ficando essas dependentes dos grandes centros para se ter um atendimento médico e educacional especializado. Os surdos, nesses

pequenos lugares, sofrem muito preconceito e rejeição por parte de familiares e da sociedade. Essas pessoas, na maioria das vezes, servem as famílias apenas como provedoras de renda do governo federal, através do Benefício de Prestação Continuada – BPC. Quando se prestam ao trabalho, os surdos do interior ficam encarregados de trabalhos pesados ou braçais, devido à sua dificuldade de comunicação e seu pouco estudo. Não diferentemente de toda essa realidade brasileira, o município de Campo Grande/RN recebe as mesmas características dos demais pequenos municípios do país.

No caso de Campo Grande, no interior do Rio Grande do Norte, localizado na Região do Nordeste Brasileiro. Por aqui não se tem registro oficial dos primeiros surdos, mudos, “doidos” ou deficientes como eram conhecidos na época, só pelos termos empregados, já se tem noção de como foi difícil a vida desses sujeitos.

Sabe-se que os surdos em Campo Grande não conheciam a Libras, não tinham acesso à escola e eram tratados, muitas vezes, como portadores de distúrbios mentais, chegando alguns familiares até isolarem esses do total convívio social.

O município de Campo Grande/RN é um município brasileiro que fica localizado no médio-oeste potiguar às margens do rio Upanema. Formado por maioria de descendentes portugueses como o seu fundador, Manoel Ignácio de Oliveira Gondim, que por lá se situou, ainda, no século XVIII com família e criação de gado por volta de 1751. Segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup> de 2023, Campo Grande/RN tem uma população estimada em 9.743 pessoas.

No ano de 2020, foi feito pelos Agentes Comunitários de Saúde, que fazem cobertura de 100% de acompanhamento e visitas da população da zona urbana e rural, um levantamento quantitativo e qualitativo dos surdos moradores do município, chegando as seguintes conclusões: existiam morando no ano de 2020 em Campo Grande/RN, vinte e três (23) pessoas surdas, sendo destas 17 do sexo masculino e 6 do sexo feminino; 13 moradoras da zona rural e 10 moradoras da zona urbana; 3 adolescentes de 12 a 20 anos; 1 jovem de 21 a 30 anos, 14 de meia idade entre 31 a 59 anos; 3 acima de 60 e abaixo de 80.

Atualmente, apenas dois surdos estudam, uma jovem que está no primeiro ano do ensino médio e um jovem que cursa o nível superior, estudante do curso de Letras/Libras.

A história dos surdos de Campo Grande/RN, não se diferencia muito das dos outros surdos moradores dos outros pequenos municípios brasileiros. Todos são membros de famílias de baixa renda, todos têm o BPC, ainda todos nasceram de famílias ouvintes e dos 23, apenas

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/>

dois tiveram acesso direto a Libras e aprenderam essa língua, o restante se comunica por gestos e sinais caseiros. Os dois que aprenderam a Libras, tiveram acesso de forma tardia já na adolescência, contudo a comunicação desses dois ainda é falha aos poucos adquirindo a fluência, processo esse dificultado pela falta de pares conhecedores e dominadores da Libras no município. A convivência na maior parte do tempo se dá com pessoas ouvintes.

Os surdos de Campo Grande/RN, não diferentes dos surdos de outras cidades e regiões também sofrem com o preconceito e a discriminação. As escolas não tinham intérpretes até pouco tempo atrás e a disciplina de Libras só foi instituída dentro de uma das escolas da rede municipal por força de Lei criada em 2022. A Lei 398/20, criada para garantir acesso aos estudantes surdos e ouvintes à Libras, só foi posta em prática no ano letivo de 2022.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do material coletado através da entrevista de 10 perguntas feita ao sujeito surdo, o qual usaremos o nome fictício de Eduardo, de 21 anos de idade, morador da cidade de Campo Grande/RN, atualmente aluno do curso de Letras-Libras. No breve relato sobre sua vida, Eduardo começou sinalizando sobre as dificuldades que teve durante sua infância: depois da separação dos seus pais, fora criado pela avó materna e por um tio; vive em uma família predominantemente ouvinte e não conhecia a Libras; o mesmo relata que em visita a casa de uma bisavó, sofreu uma queda e por esse motivo seus pais o levaram ao médico acreditando que essa era a causa de sua surdez, tendo recebido do médico o diagnóstico de surdez por causas genéticas, segundo o entrevistado, relacionadas aos tipos sanguíneos dos pais; sobre a comunicação ele diz que antes de conhecer a Libras tudo era mais difícil porque além de não conhecer a Libras, também não conhecia a Língua portuguesa.

**Eduardo:** Eu não sabia Libras e não tinha quem interpretasse as coisas para mim, eu vivia em completo silêncio. Não conhecia a Língua de Sinais e também não conhecia a Língua Portuguesa. Eu fui crescendo com essa falta de conhecimento.

Percebemos ainda aqui na fala de Eduardo, que além do impedimento na comunicação pelo fato de não saber Libras nem a Língua Portuguesa, isso também o impedia de aprender as coisas ao seu redor, fazendo com que crescesse com “falta de conhecimento” o que afeta o cognitivo, onde Vygotsky (1999), que foi um dos primeiros estudiosos do passado a admitir o papel da linguagem no desenvolvimento intelectual afirmou:

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos (Vygotsky, 2008, p. 72-73).

Dessa forma, concluímos com base no próprio relato do entrevistado que ele fora prejudicado na sua concepção de mundo por não ter tido acesso a língua por muitos anos.

De acordo, ainda, com o que podemos coletar por meio das informações de Eduardo é que sua vida era muito difícil sem comunicação efetiva com familiares (estes até hoje não se interessam pela Libras e mantém uma comunicação deficitária com o jovem rapaz), com amigos e conhecidos ouvintes que não sabem Libras e também com outros surdos que não dominam a Libras. Tudo começou mudar segundo o mesmo, quando no ano de 2018, teve na Escola em que estudava o ensino básico, contato pela primeira vez com a Libras e seu aprendizado em um curso de extensão para estagiários, promovido por uma Universidade Federal próximo a sua cidade, onde o grupo formado por professores e alunos lhes ensinaram o básico da Libras, que ainda não fora suficiente para sua total interação e conhecimento de mundo. Na época, ele tinha 16 anos de idade, como em sua cidade de residência não existia surdos sinalizantes de Libras e nem cursos ou escolas voltadas para o aprendizado da Libras, essa se mostrou como uma grande e primeira oportunidade em sua vida.

Segundo a fala de Eduardo, sua trajetória continua depois que iniciou amizade com um aluno morador de sua cidade e estudante do Letras/Libras e também com um professor surdo que, mais tarde, viria a ser professor na mesma universidade, onde Eduardo cursa atualmente o Letras/Libras; depois esse amigo da sua cidade se tornaria seu intérprete no terceiro ano do ensino médio, que o inscreveu, na já referida universidade, em outros cursos básicos de extensão onde participavam surdos de várias cidades do RN, essa foi outra oportunidade que o colocou diretamente em contato com seus pares para a prática da Libras.

Em uma visita a cidade vizinha para comemorar o Setembro Azul, Eduardo teve a oportunidade de conhecer sua primeira e até então namorada que também é surda e segundo ele, tem lhe ajudado muito a desenvolver a fluência na Libras e o contato frequente com ela e outros amigos surdos de fora de sua cidade através da internet, por meio de videochamadas no Instagram ou WhatsApp, tem lhe proporcionado aperfeiçoar os seus conhecimentos e interagir com os seus pares.



**Eduardo:** Antes minha interação era com os ouvintes e a comunicação era muito falha, hoje depois que eu descobri os surdos da UFERSA que sabem Libras e comecei a participar dos cursos de extensão, a comunicação ficou bem mais fácil, com a Libras tudo ficou mais claro e melhor, eu gostei muito.)

A importância do aprendizado com seus iguais dentro da fala do sujeito pesquisado, mostra que este se identificando na comunicação, é como se ele olhasse para um espelho e se visse refletido do outro lado, o que o ajuda e o motiva a aprender. O fato de que, na sua pequena cidade, não existiu sujeitos surdos falantes de Libras o levou automaticamente à além de redes sociais que também têm contribuído de forma significativa, facilitando a troca de conhecimentos com outros surdos de outras cidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir, observamos que a história de Eduardo não se diferencia da maioria das histórias de outros sujeitos surdos moradores de pequenas cidades e lugarejos no imenso interior do Brasil. Sua realidade dentro de uma família ouvinte que não demonstra interesse pela Libras também não diverge da maioria, o que o torna especial em seu relato foi a ação de atores fora da sua realidade que mudaram sua vida. Também a interação com outras pessoas surdas mostra a importância do aprendizado e aperfeiçoamento da Libras através dessa interação, é preciso que isso seja mais incentivado e promovido.

A presença de instituições de grande porte como a Universidade Federal da cidade vizinha que trouxe o curso de extensão e facilitou o primeiro contato do indivíduo surdo com a Libras também precisa ser incentivado e promovido.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2005.** Brasília, DF, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 24 SET 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, Márcia. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva Sociointeracionista.** 7. ed. São Paulo: Plexus, 2002.



STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC, 2008.

MORAN, J. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. In: BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T.; MORAN, J. M. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

OLIVEIRA, DERLY. MACHADO; OLIVEIRA, DAYSE. MARA. **Evolução históricocultural e indenitária dos surdos brasileiros**: enfoque na educação e no ensino de LIBRAS, 1. Ed, Natal, CEFOP/FAPAZ, 2011.

QUADROS, R. M. de **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. de & PIZZIO, A **Aquisição da língua de sinais brasileira**: constituição e transcrição dos corpora. Salles, H. (org.) Editora da UnB. 2007.

ROSA, Andréa da Silva & CRUZ, Cristiano Cordeiro. **Internet**: Fator de Inclusão da Pessoa Surda. Revista Online da Biblioteca Joel Martins. Campinas, v2, n3, p. 38-54, jun. 2001. Disponível em: Acesso em 16 de maio de 2009.

SILVA, Rosy. Mikaely Gomes., SILVA, Denyse. Mota. **Língua e linguagem**: as suas multifaces para o ensino. a língua brasileira de sinais (libras): direitos e desafios na educação dos surdos e na formação de professores. p.203, 2019.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.